

Responsabilidades

Grande responsabilidade assume quem escreve. Encher uma coluna de prosa sem dizer nada, é gastar papel, dar trabalho aos tipógrafos, revisores, chefes de Redacção e até Directores, inutilmente. E, o que é mais grave, levar os leitores a empregar uns minutos do seu tempo de trabalho ou de repouso em pura perda, embotando neles o gosto pelo saber e a consciência do seu próprio valor construtivo. Quando um povo tem necessidade de se erguer, de se lançar em vastos empreendimentos que o resgatem da apatia ou de erros passados, escrever assim é colaborar naquilo que um mestre nos classificava de « o bota abaixo », e contribuir para deferir *sine die* o grande esforço comum de maior e mais justa prosperidade. Mal empregado tempo aquele que fôr gasto em escrever sem dizer nada, sem esboçar uma ideia, sem lançar à terra uma semente que seja.

Um pouco pior ainda será escrever para dizer aquilo de que se duvida, ou para defender um interesse particular. As palavras que o jornal levou ao seio de tantas famílias, ao cérebro de tantos leitores, na sedução atraente da letra de forma, pode induzir em erro, dividir opiniões, inutilizar esforços, apoiar até injustiças. De tudo é culpado aquele que escreveu o que devia não ter escrito.

Escrever para dizer mal, é outra forma de colaborar perniciosamente na inconstância nacional, na mútua desconfiança, inimiga da indispensável colaboração criadora e no vício horrível de dissecar pessoas e intenções, desmoralizando, abatendo o ânimo de quantos se esforçam pelo bem comum. O nosso hábito de só ver nas pessoas os seus defeitos, embora as qualidades em muitos os superem; a nossa indomável inveja, que nos faz denegrir sistematicamente quem conseguiu subir um pouco acima da vulgar craveira, é, em grande parte, fruto envenenado da tendência para a má-língua ou a « má-pena » de quem escreve.

Quando se redige um artigo, é necessário portanto ter sempre em vista as suas responsabilidades, o bem ou o mal que se vai fazer, a influência que uma palavra, uma reticência, uma afirmação podem ter na alma ou na inteligência de quem nos lê. E ninguém pode prever a sementeira que faz, se não escolhe cuidadosamente a semente que põe na mão. Nós somos assim feitos. Por mais independência moral que tenhamos, por mais fortes e justas que sejam as nossas convicções, não podemos facilmente libertar-nos das influências que se movem à nossa volta. Um comentário, uma simples palavra, um sorriso até, podem cayar um abismo na alma de quem nos lê, nos ouvir ou nos observa, como podem rasgar horizontes de luz, de heroísmo ou de esperança.

A arte de escrever deve acompanhar-se, portanto, da consciência da responsabilidade que vai assumir-se. Nem lisonjear as paixões, os gostos

ou preconceitos dos leitores, para ser lido, apreciado ou agradavelmente comentado; nem recear os dissabores, críticas amargas ou prejuízos, por dizer a verdade que nem a todos agrada. Independência de carácter, isenção de atitudes, nobreza de sentimentos, coragem nas suas convicções, eis os indispensáveis ornamentos de todo o jornalista ou escritor. Já não fazamos da segurança ao critério em discernir os assuntos, em reaninhar os problemas, em escolher os comentários. Há verdades que se não dizem, mas há verdades que urge dizer. Como saber distinguir, sem a experiência dos homens e das coisas, sem conhecimento dos factos, sem estudo das reacções sociais?

Sabe bem escrever, não aquele que alinha palavras de harmoniosa sonoridade, e maneja com arte a construção das frases ou a sequência das imagens, mas o que se inclina para as doenças sociais, lhes prescreve as causas, e lhes aponta os remédios verdadeiros. Mas, se é tão difícil ser médico para um só indivíduo, como não o não ha-de ser pretender curar um mal colectivo, robustecer um corpo social debilitado ou prevenir uma doença geral.

E' espinhosa a tarefa de quem escreve, sobretudo se tem consciência do que escreve e receia tornar-se reu dos erros colectivos.

Andam agora, por exemplo, à procura dos criminosos de guerra. Procuram instaurar-lhes processos para os julgar e condenar pelos seus crimes horrorosos. Também se procuram, nos diferentes países, os responsáveis pela derrota, a fim de os conduzir para diante dos pelotões de fuzilamento.

Mas ficará depois satisfeita a justiça? O Rei Salomão escreveu um dia que a justiça humana era assim como um pano sujo. Responsáveis dos crimes, das guerras e das derrotas não serão também, e sobretudo, os que escreveram páginas de ódio, os que arrancaram os sentimentos de humanidade dos corações das crianças ou da alma dos soldados, os que construíram filosofias monstruosas, os que espalharam a mentira pelo livro e pelo jornal?

Quantas vezes não haveríamos de fazer sentar no banco dos reus jornalistas e escritores que aliás são tidos em grande honra, se a nossa pobre justiça humana não fosse o tal pano sujo de que fala Salomão?

Todos acusam hoje o nazismo, por exemplo. Mas não nasceu ele da filosofia tradicional alemã, vinda já de um bom século para trás? Mais criminoso do que Hitler ou Himmler, talvez seja o filósofo Hegel e quantos espalharam o erro e a mentira, e, sobretudo, os que impediram que se dissesse a verdade.

Grande responsabilidade assume quem escreve. Grande respeito deve merecer quem sabe escrever com a consciência das suas responsabilidades.

ABEL VARZIM